

O PAPEL DA MULHER:

As perspectivas complementarista e igualitária

Larissa de Moraes Ribeiro ¹

Me. Lidiane Ribeiro da Silva Souza ²

RESUMO

Neste artigo o propósito principal é oferecer uma síntese das linhas complementarista e igualitária em relação à mulher. Uma discussão que se faz necessária, pois tem ganhado grande força nas últimas décadas no âmbito evangélico. A história revela uma mudança de pensamento acerca do papel feminino, oscilando entre as duas principais linhas de pensamento, igualitária e complementarista. As posições sobre como deve ser a relação do homem e mulher com base na criação divina atinge a realidade da mulher na igreja e também na sociedade. Os complementaristas e igualitários tem argumentos totalmente opostos; o primeiro defende a liderança masculina e a submissão feminina, pois Deus criou o homem em primeiro lugar e a mulher como sua “auxiliadora”. Já o segundo, pensa em uma relação de reciprocidade e igualdade entre os dois sexos, advogando principalmente a restauração em Cristo do papel da mulher, através de sua relação com elas e seu sacrifício para restaurar todas as coisas que o pecado deturpou, tendo sido criado em primeiro lugar homem e mulher, no mesmo nível de autoridade e responsabilidades, para governarem juntos. As duas linhas encontram na Bíblia e na exegese fortes argumentos para a sua defesa, o que será objeto desta análise, através de pesquisa bibliográfica.

Palavras-chaves: Igualitarismo, Complementarismo, Criação, Mulher, Queda, Restauração em Cristo.

ABSTRACT

In this article, the main purpose is to offer a synthesis of the complementary and egalitarian lines in relation to women. A discussion that is necessary, as it has gained great strength in recent decades in the evangelical scope. The story reveals a shift in thinking about the female role, oscillating between the two main lines of thought, egalitarian and complementarian. The positions on how the relationship of man and woman should be based on divine creation reach the reality of women in the church and also in society. Complementarists and egalitarians have completely opposite arguments; the first defends male leadership and female submission, for God created man first and woman as his “helper”. The second, on the other hand, thinks of a relationship of reciprocity and equality between the two sexes, mainly advocating the restoration in Christ of the role of women, through his relationship with them and his sacrifice to restore all the things that sin misrepresented, having been created first man and woman, on the same level of authority and responsibilities, to rule together. Both lines find strong arguments in the Bible and exegesis for their defense, which will be the object of this analysis, through bibliographic research.

Keywords: Egalitarianism, Complementarism, Creation, Woman, Fall, Restoration in Christ.

¹ Bacharela em Teologia pela Faculdade Teológica Betânia. E-mail: lilamoribe@gmail.com.

² Mestre em Educação e Novas Tecnologias, Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional e em Aconselhamento e Gestão de Pessoas, graduada em Ciências Sociais pela UFPR e em Teologia (SEMIB e FACETEN). Diretora de ensino e professora do curso de graduação e pós-graduação da Faculdade Teológica Betânia (FATEBE). E-mail: lidiane@faculdadebetania.com.br.

INTRODUÇÃO

Com o decorrer do tempo as coisas tendem a mudar, e essa regra se aplica também à visão do papel da mulher no plano de Deus e suas implicações para a igreja. Esse artigo tem como objetivo descrever, sucintamente, as duas principais visões sobre a mulher no meio evangélico: o ponto de vista complementarista e o igualitário.

Primeiramente, será exposta a diferença sobre cada lado da dissensão, quando começaram as diferenças ideológicas de cada uma delas e quais conceitos teológicos formam suas linhas de pensamento. Em segundo e terceiro lugar, serão aprofundadas suas principais características e onde estão as divergências centrais entre elas.

Para cumprimento desses objetivos, será utilizada uma pesquisa bibliográfica, através de livros, periódicos, monografias e artigos. Principalmente os livros dos autores Grenz e Culver (et al.), que tratam especificamente sobre o assunto aqui abordado.

1. CADA LADO DA DISSENSÃO

Para dar início a esse artigo, primeiro é necessário entender quem está de cada lado da dissensão sobre o papel feminino na sociedade e no ministério da igreja. Para Grenz (1998, p.20), o grupo evangélico se divide em dois: os complementaristas, que acreditam na “complementaridade” dos sexos, ou seja, que Deus criou homem e mulher iguais, mas a mulher deve complementar o homem e estar sujeita à sua liderança; e os igualitários, que defendem a substituição da ordem hierárquica dos sexos por uma relação de reciprocidade, pois Deus criou homem e mulher para se apoiarem mutuamente em todas as áreas da vida, inclusive na igreja.

O renomado reverendo Augustus Nicodemus, em seu artigo sobre a ordenação feminina, fala sobre os igualitários e diferencialistas (complementaristas), dando um parecer mais abrangente sobre as posturas. Para ele, os igualitários afirmam que Deus criou os dois sexos iguais e a sujeição feminina é parte do castigo

do pecado, com reflexos sócio-culturais. Em Cristo, portanto, as consequências são removidas, podendo assim a mulher ocupar cargos oficiais na igreja. Os diferencialistas acreditam na subordinação antes da queda, que existem papéis distintos, que se complementam, então o homem é cabeça e capaz de liderar. (LOPES, 1997, p.1).

Atualmente não se pode definir onde está a linha que separa as duas posições, pois como Grenz (1998, p.16) evidencia, “as divisões permanecem em todos os níveis da comunidade evangélica, inclusive denominações, seminários e congregações locais.” Para esse autor, em 1986 começaram a se formar as, como ele vai chamar, “coalizões competitivas”. Ao pesquisar sobre o assunto, Coelho encontra nessa mesma época a fonte das discussões e apresenta um panorama básico de onde os dois lados encontraram sua base e principais defensores.

São elas: *The Council for Biblical Manhood and Womanhood* que, a partir de uma conferência realizada no ano de 1989 em Danvers, Massachusetts, criou um documento chamado *Danvers Statement*, isto é, um estatuto que oferece o *fundamento bíblico* no qual os complementaristas se apóiam, e que tem em Piper e Grudem (2006) os seus líderes mais proeminentes [...] No dia 02 de janeiro de 1988, a *Christians for Biblical Equality* (CBE) foi fundada como uma organização sem fins lucrativos e, em 1989, em sua primeira conferência bienal, a organização lançou o seu próprio documento, o *Estatuto sobre homens, mulheres e igualdade bíblica*, uma declaração que apresenta a base bíblica para os igualitaristas (COELHO, 2015, p. 21-22).

Ainda sobre esse fato, Grenz observa de forma mais breve e enfática que:

Os cristãos que seguem o Concílio sobre a Masculinidade e Feminilidade Bíblica acreditam que a Bíblia faz restrições sobre o ministério público das mulheres. Os que concordam com os Cristãos para a Igualdade Bíblica estão convencidos de que Deus chama as pessoas talentosas em todos os aspectos do ministério público sem consideração do sexo. (GRENZ, 1998, p.17).

Sabe-se que a discussão sobre o ministério feminino é antigo e o ponto de vista tradicional foi o mais amplamente aceito e divulgado (CULVER et al., 1996, p.12). Entretanto, com as mudanças históricas, novas opiniões surgiram, e a necessidade de conhecer as bifurcações que se abrem sobre o relacionamento homem-mulher e configurações eclesiais se mostram de suma importância, a saber, os pontos de vista complementarista e igualitário.

2. O PONTO DE VISTA COMPLEMENTARISTA

O ponto de vista complementarista, como já dito antes, é o mais antigo. Desde os primórdios da humanidade, em diversas civilizações, houve oscilações quanto ao espaço de atuação da mulher (FLUCK, 1993, p.44). Na comunidade judaica é possível ver o padrão hierárquico regendo os relacionamentos homem-mulher (EVANS, 1986, p.33), e, como o cristianismo se deriva do judaísmo, é compreensível ter trazido consigo essa visão. Culver (1996, p.12) revela que a partir da reforma protestante, as igrejas reformadas têm tido dificuldade em permitir que as mulheres participem como ministras do evangelho. Ele ainda argumenta que isso se dá pelo fato de o Novo Testamento não oferecer um padrão claro para ser seguido em todas as épocas, e por isso tem na igreja Católica medieval seu baseamento.

Para defender suas teses, os complementaristas iniciam seus parâmetros de argumentação desde a criação; para eles Deus criou primeiro o homem com um propósito claro de que ele fosse o líder. Foh, ativista a favor da liderança masculina, chama a atenção para que:

Deus criou a humanidade a partir de uma pessoa. O fato de Adão ter sido criado em primeiro lugar capacita-o a representar a humanidade toda. Ele é o cabeça da humanidade. A mulher está incluída no homem de tal maneira que o reverso não é verdadeiro. (CULVER et al., 1996, p. 110).

Seguindo na criação, Deus fez da mulher ajudadora do homem, e o fato da mulher ser feita para o homem a coloca em uma posição de sujeição à sua liderança. “A declaração divina leva os complementaristas a asseverar que a mulher foi criada por causa do homem. A criação “para o homem”, eles concluem, significa que Deus pretende que a mulher se subordine ao homem”. (GRENZ, 1998, p.178). Nesta mesma linha de pensamento, Foh (CULVER et al., 1996, p.87) concluiu que por mais que o modo da criação não represente inferioridade, indica diferença porque “a mulher foi criada a fim de ajudar seu marido; sua função depende dele, visto que ela o seguiu na criação, ela deve seguir sua orientação como seu marido.”

Seguindo essa linha de abordagem, não foi a queda que transformou os relacionamentos humanos, a queda teve como efeito alterar uma ordem já antes estabelecida. O grande reformador Calvino revelou sua opinião sobre essa temática.

Segundo Grenz (1998, p.170), “Calvino sugeriu que, embora a “sujeição amável” se transformasse em servidão por causa da queda, a sujeição da mulher ao homem, não obstante, faz parte da ordem de Deus para a criação.” Evans também lembra do reformador e da opinião defendida pelos complementaristas:

Gênesis 1:26 e o Salmo 8 até certo ponto apresentam uma conexão entre a imagem e semelhança divinas no Homem, e o seu domínio sobre o restante da criação. Muitos escritores pegam-se a isto e, presumindo que o aspecto do domínio é mais forte para os homens do que para as mulheres, concluem com Calvino que a mulher foi criada à imagem de Deus, “embora em segundo grau”. (EVANS, 1986, p.8)

Na questão sobre o que Jesus fez pela relação humana, os complementaristas reconhecem que Ele trouxe dignidade novamente à mulher, como Foh assinala:

As mulheres receberam maior atenção de Jesus desde o começo até o fim de seu ministério. Isto aconteceu numa época em que as mulheres apareciam em público só quando absolutamente necessário. Sem dúvida, Jesus tratava as mulheres como deveriam ser tratadas - como pessoas de valor, feitas à imagem de Deus. (CULVER et al., 1996, p.93).

Mas para eles, o fato de Jesus dignificar a mulher se relacionando com ela, não torna essa capaz de assumir um papel de liderança, pois não foi para isso que ela foi criada. Existem outras maneiras de uma mulher servir a Deus, sem usurpar o papel que não foi dado a ela na tradição de autoridade masculina (CULVER et al., 1996, p.54).

Acima de tudo, os complementaristas acreditam estarem sendo obedientes à Bíblia, por causa dos textos paulinos. Eles “afirmam que Paulo proibiu explicitamente a plena inclusão das mulheres no ministério da igreja.” (GRENZ, 1998, p.105). Neste sentido, considerar a cultura não deveria ser dar relatividade a uma ordem apostólica. (CULVER et al., 1996, p.84). Assim:

Com respeito aos cargos da igreja, as mulheres não podem ser presbíteras (nem pastoras-mestras, nem evangelistas, nem ministras, como às vezes são designadas), porque esses cargos envolvem o ensino e o governo. Podem ser diaconisas ou administradoras. (CULVER et al., 1996, p. 22-123).

Para eles, Paulo se apoia nos dois fatos citados anteriormente para fazer essas alegações, primeiro na ordem da criação e, segundo, a mulher ser tida como

auxiliar do homem (GRENZ, 1998, p. 146-147). Por isso, os textos escritos por Paulo ganham força necessária para serem seguidos de forma supracultural.

Os complementaristas creem que Deus criou o homem para liderar. Desde o começo, a mulher foi criada com o destino de servi-lo, não de maneira inferior, mas uma sujeição feita de forma voluntária. Com suporte nisso e alguns textos de Paulo, eles são contra a mulher ocupar qualquer cargo de liderança na igreja, podendo servir em outros cargos que não indiquem autoridade sobre o homem.

3. O PONTO DE VISTA IGUALITÁRIO

O ponto de vista igualitário não é muito antigo, não está nas raízes da sociedade. Em circunstância da grande riqueza de imagens masculinas de Deus, o ponto de vista complementarista foi o mais aceito pela igreja. Ao abordar esse tema, Rocha (2008, p.23) alega “uma masculinização imagética, ou seja, uma masculinização das imagens de Deus. Essa última marcou a teologia cristã e prática eclesial com enorme extensão e profundidade.” Ainda sobre essa questão, Drehem argumenta da seguinte maneira:

Se a marginalização da mulher na História da Igreja foi inevitável, então, por outro lado, o caráter patriarcal da Igreja também é algo inevitável! Logo, toda mulher que se volta contra essa situação inevitável volta-se contra a tradição da Igreja e é herege. Essa é a conclusão lógica de todo teólogo sofista e o fim de toda teologia que deixa de argumentar a partir da cruz de Cristo. (DREHEM, 1990, p.283).

Uma das grandes precursoras da teologia feminista, Ivone Gebara, faz uma declaração interessante sobre esse assunto. Ela advoga que a masculinização das imagens de Deus e o patriarcalismo na igreja tem ignorado a representação de Deus na mulher.

A teologia fundada na antropologia do homem genérico eliminou de sua elaboração a contribuição histórica das mulheres, não falou da presença, da ternura e misericórdia de Deus em suas ações. Eliminou até certo ponto inconscientemente, a expressão do outro rosto da humanidade conservando apenas uma imagem unidimensional, única, monoteísta, patriarcal e excludente da espantosa diversidade do humano. (GEBARA, 2013, p.59).

Para compreender o igualitarismo, é necessário saber quais os pontos que essa posição defende: como veem a criação e relação dos sexos; como a queda

afetou essa relação; o que a restauração em Cristo significa para a guerra dos sexos, e; o que os textos de grande dificuldade exegética que Paulo escreveu representam. (GRENZ,1998, p.107).

Para os igualitários, Deus criou os sexos no mesmo nível de importância e capacidade, por isso, as mesmas ordens são dadas para os dois. Para Candiotto, isso pode ser visto no texto da criação.

Em Gn 1.28, a criação da humanidade é seguida de uma bênção: “E Deus os abençoou, e lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra”. Após a bênção, todos os verbos mencionados aparecem no plural, indicando que inexistia separação de funções. Este versículo indica que naturalmente homem e mulher são iguais, formam a natureza humana. A mulher, do seu jeito, e o homem são imagem e semelhança de Deus. A mulher não é complemento do homem; nem o homem é complemento da mulher; cada um é uma totalidade, com características próprias e específicas. (CANDIOTTO, 2010, p.224).

Então, a hierarquização dos sexos não estava presente na ordem da criação. Deus criou homem e mulher iguais; o fato do homem ser criado primeiro também não é um fator que determina o papel secundário da mulher, pois se a ordem de criação for determinante, os animais seriam superiores aos humanos. (EVANS, 1986, p.9).

Se o começo das distinções hierárquicas não está na criação, os igualitários discorrem a favor de que a queda através do pecado gerou a motivação para que tal consequência fosse enfrentada. Para Mickelsen (CULVER *et al.*,1996, p.224), é na queda que os relacionamentos são desfeitos e corrompidos. Souza (2001, p.5) complementa argumentando que, ao considerar essas distorções como vontade permanente de Deus, pode-se incorrer em problemas para afirmar a total reconciliação do homem e suas relações em Jesus Cristo. Lutero compartilha da opinião “que o papel subordinado da mulher surgiu como resultado da Queda e do pecado.” (GRENZ, 1998, p.170)

Grenz (1998, p.170) apresenta um quadro do pensamento igualitário, demonstrando que as sequelas do pecado, encaradas pela mulher, não são originais da criação, “os igualitários asseveram que tais restrições não refletem o propósito original de Deus na criação. São na verdade, resultado da Queda”. Abordando o

texto de Gênesis 3.16 que fala claramente das implicações da queda, ele continua dizendo:

Segundo os igualitários, o narrador pretende claramente que entendamos esta declaração como uma referência ao que resultou do pecado e não como estrutura da criação.[...] Deus declara que o advento do pecado trará mudanças no relacionamento entre os dois sexos. (GRENZ. 1998, p.181).

Depois de abordada a visão igualitária sobre a criação e a queda e suas consequências, o ponto alto de sua defesa sobre a igualdade entre os sexos se dá no fato de Jesus ter restaurado absolutamente as relações humanas e o papel feminino no plano de Deus. O principal eixo dessa alegação está na seguinte declaração:

No movimento de Jesus as mulheres não eram figuras marginais, mas apóstolas, profetisas e missionárias. Em Cristo todos são um e têm o mesmo valor. “Dessarte não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3.28), diz Paulo na Carta aos Gálatas (SÖLLE, 1991, p.81).

Ressaltando essa tese, Grenz, mais uma vez, disserta expondo que “os igualitários, portanto, afirmam que a igualdade da posição soteriológica em Cristo deve implicar um desenvolvimento apropriado na prática da igreja (assim como na sociedade)”. (GRENZ, 1998, p.110). Para Rocha, os fatores culturais que levaram a mulher a ser taxada como desprovida de capacidade igual a do homem não são motivos válidos para discriminações contra a mulher na igreja:

Essa imagem foi gerada numa sociedade em que havia o domínio dos homens sobre as mulheres, e estas tinham um papel inferior e ficavam à margem da sociedade. Logo, nesse contexto, ergue-se e se sobrepõe a imagem de Deus Pai, criador, juiz, redentor; de um Deus Filho, libertador, profeta, mestre - todas as figuras masculinas, fruto de uma sociedade patriarcal. A revelação se dá em um momento histórico e obedece à condição sociocultural na qual se estabelece.(ROCHA, 2008, p.55).

Os igualitários veem que nas condições culturais e históricas estão as respostas para grandes perguntas como: o porquê Jesus não deu às mulheres um papel de maior destaque em seu ministério, mesmo com a total restauração delas por intermédio dele. Também a grande dúvida sobre o papel da mulher na igreja e na sociedade que se dá devido aos ambíguos textos de Paulo. (GRENZ, 1998, p. 95). No que tange ao fato das mulheres no ministério de Jesus, Teixeira relata que:

A biblista María Gloria Ladislao, em sua obra *As Mulheres na Bíblia*, auxilia a compreender o que foi afirmado acima: Primeiramente, é preciso admitir

que, para a comunidade cristã [...] nem sempre foi fácil distinguir o núcleo da vida cristã da roupagem cultural com que eventualmente ela se reveste para se expressar. Assim sendo, embora houvesse na vida de Jesus claros indícios do modo como ele quis que homens e mulheres participassem da nova condição de vida que se instaurava com o Reino, não foi fácil para os cristãos que vinham da tradição judaica incorporar o novo papel que as mulheres viriam a desempenhar na vida religiosa. (TEIXEIRA, 2010, p.57).

As diretrizes dadas por Paulo acarretam-se por fatores culturais e problemas locais das igrejas a quem ele escreve. (GRENS, 1998, p.142). Liefeld é bem enfático ao analisar a situação:

Precisamos entender que nos dias de Paulo o fato de uma mulher falar em público e ensinar na igreja constituía problema moral que trazia à igreja e ao Senhor, impedindo as pessoas de virem a Cristo. Mas isso não constitui um problema na maior parte das sociedades de hoje, pelo menos no mundo ocidental. (CULVER *et al.*, 1996, p.170-171).

O que realmente deveria definir a postura de Paulo com relação a ministério feminino seria sua relação com as mulheres:

Partindo de uma compreensão androcêntrica do Novo Testamento, os exegetas e tradutores pressupõe automaticamente que as mulheres mencionadas nas cartas paulinas sejam auxiliares de Paulo e não conseguem admitir que essas mulheres tenham sido missionárias, apóstolas e dirigentes de comunidades na era apostólica. Em nenhuma oportunidade vai ser afirmado que essas mulheres estejam subordinadas a Paulo em sua tarefa missionária ou de direção. Querendo ou não, Paulo teve que trabalhar com mulheres e reconhecer sua autoridade. (DREHER, 1990, p.276).

Para os igualitários, portanto as constatações de Yuaça são os alicerces de suas conjecturas:

A participação da mulher, entretanto, pressupõe a conversão e a santificação da igreja patriarcal, transformando-a em uma comunidade de discípulos. As mulheres são também a igreja, e também são chamadas de eleitas de Deus. Elas sempre têm ouvido e atendido ao chamado divino. Aproxima-se o momento em que ambos, em comunhão, ouvirão o chamado e juntos responderão: "Eis-nos aqui, Senhor, envia-nos para teu serviço." (YUAÇA, 1992, p.49).

Os igualitários têm, em sua essência, o desejo de que as distinções a partir do sexo sejam desfeitas, principalmente na igreja. Eles encontram na Bíblia base para afirmar que a mulher é um ser tão capacitado e importante quanto o homem, a que foi dado dons para servir a Deus na maneira que a Ele aprovar. E que as sequelas

do pecado que trouxeram a hierarquização dos sexos podem ser dissolvidas em Jesus, e a partir dele homens e mulheres podem servir em unidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seria necessário um trabalho muito mais minucioso para relatar com exatidão cada ponto que os complementaristas e igualitários asseveram, principalmente trabalhos de exegese para mostrar os argumentos relevantes de cada um, tirados dos textos bíblicos.

Mas a gênese foi aqui apresentada. Os complementaristas têm uma visão restritiva sobre as mulheres; mesmo que eles articulem que a subordinação não induz à inferioridade, na prática, esse princípio é mais difícil de ser realizado. Em seu campo de defesa, o princípio fundamental é de que a mulher, por ser criada em segundo lugar complementa o primeiro sexo; os dois, portanto tem funções diferentes. Esses termos acabam influenciando diretamente na igreja, pois a mulher não deve exercer autoridade sobre o homem, assim sendo, não deve assumir cargos de liderança na igreja.

Os igualitários buscam o fim das cadeias hierárquicas. Para eles, qualquer tipo de hierarquia está do jardim do Éden para fora. Na ordem da criação, não está um conceito válido para o papel masculino preponderante, pois os mandatos culturais são dados a homens e mulheres sem distinção. A queda é a principal responsável para o caos que os relacionamentos humanos enfrentam, mas em Cristo essas consequências podem ser absolvidas, voltando ao estado natural da vontade de Deus. Nesse novo mecanismo, homens e mulheres podem trabalhar em equipe, sendo o Espírito Santo que tem a palavra final sobre os cargos que cada um pode ocupar.

Esse trabalho pode ser aplicado de forma individual na tentativa de resolver crises pessoais quanto ao papel feminino, principalmente para mulheres que pretendem definir sua linha ideológica sobre as suas funções no ministério. Na prática ministerial, o presente artigo pode influenciar as igrejas a apresentar que existem diferentes linhas de pensamento quanto ao papel feminino na igreja e na

sociedade, deixando seus membros livres para escolherem a que mais representa suas convicções bíblicas sobre a criação, queda e redenção da mulher.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CANDIOTTO, J. F.S. A teologia da criação na perspectiva das relações de gênero. **Estudos de Religião**, v. 24, n. 39, 214-234, jul./dez. 2010. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistasmetodista/index.php/ER/article/view/2246/2349%20acesso%2014/05/17>> Acesso em: 14/05/17.

COELHO, Carla Naoum. Ampliando horizontes: Análise de interpretações do feminino a partir do texto bíblico. 209 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás: 2015.

CULVER, R.D (et al.). **Mulheres no ministério: quatro opiniões sobre o papel da mulher na igreja**. São Paulo: Mundo Cristão, 1996.

DREHER, M. N. O novo testamento escrito por homens e a mulher na história da igreja. **Estudos teológicos**. São Leopoldo, v. 30, nº 3 , p.274-287, 1990. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1045/1005> Acesso em: 15/05/17.

EVANS, M. J. **A mulher na Bíblia: uma reavaliação do papel da mulher na igreja e na sociedade**. 2ªed. São Paulo: ABU, 1986.

FLUCK, M. O papel da mulher: uma perspectiva histórica da ótica cristã. **Boletim Teológico**. Ano 7, nº.21, jul- set, 1993.

GEBARA, Ivone. Patriarcalismo, Igreja e Mulher. **Revista de Cultura Teológica**. [S.I.], n. 1, p. 55-67, mar. 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/14073/14923>>. Acesso em: 25/06/17.

GRENZ, S. J. **Mulheres na igreja: uma teologia bíblica das mulheres no ministério**. São Paulo: Candeia, 1998.

LOPES, Augustus Nicodemus. Ordenação feminina: o que o Novo Testamento tem a dizer? **Fides Reformata online**, 1997. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_II__1997__1/ordenacao....pdf. Acesso em: 19/11/17.

ROCHA, A. **Espírito Santo**: aspectos de uma pneumatologia solidária à condição humana. São Paulo: Vida, 2008.

SÖLLE, D. Libertadas para a liberdade, condenadas ao silêncio: a imagem da mulher no cristianismo. **Estudos teológicos**. São Leopoldo, v. 31, nº 1, p. 75-84, 1991. Disponível em:

<http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/990/956>
Acesso em: 15/07/17.

SOUZA, L. R. S. de. **Uma reflexão Bíblico-teológica sobre o papel da mulher na igreja e na missão**. Altônia, 2001.

TEIXEIRA, J. L. S. A atuação das mulheres nas primeiras comunidades cristãs. **Revista de Cultura Teológica**. (s.l) v. 18, nº 72, p. 55-62, 2010. Disponível em :<<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15374/11482>> Acesso em: 15/05/17.

YUAÇA, Y. Auxiliadora Idônea. **Boletim Teológico**. Vol. 6, nº 17, p. 39-49, maio/1992.